

## **Tudo Passa<sup>1</sup>**

*Newton Reginato*

*Procurador de Justiça do Ministério Público (aposentado)*

Isso aconteceu já faz algum tempo. Uma alteração climática repentina estacionada na região centro-sul do país, gerou ligeira queda de temperatura que trouxe consigo, tiracolo, uma chuvinha teimosa, mansa e intervalada, anunciadora do fim da primavera e início do verão.

Cinzento e úmido, aquele período do dia (lá pelas quinze horas) se mostrava perfeito – como diria um saudoso magistrado amigo meu quando se deparava com um tempo assim – para ficar em casa assistindo “Sessão da Tarde”, que eu arrematava: “... *tomando café e comendo bolinhos de chuva*”.

Mas, antecedida por ventos fortes que afastaram a chuva fraca, uma tempestade marcou presença durante minutos, cujo aguaceiro chicoteante derrubou árvores e postes que comprometeram a rede elétrica e o trânsito em muitos trechos locais, sem poupar partes de telhados e alambrados de algumas moradias, transtornos esses que são, até certo ponto, corriqueiros nas zonas serranas em altitudes elevadas. Após isso, a chuva perdurou por alguns dias, e só quem é da região sabe como se comportar diante de tais inconvenientes previsíveis.

Não tendo muito o que fazer naquela tarde (era uma sexta-feira se bem me recordo), resolvi não pensar nos estragos da tormenta e tirar um cochilo malsucedido, e tal malogro se deveu ao fato de eu não ser pessoa de dormir muito ou com facilidade: cinco ou seis horas de sono diárias me são suficientes. Além disso, sendo um *pluviofílico* por natureza, não reclamei do insucesso; ao contrário, deixei-me levar pelo som da chuva, pelo cheiro de terra molhada, e pelo acinzentado do céu, para mim uma experiência sensorial positiva e sempre convidativa às reminiscências, à reflexão, à tranquilidade e à conexão comigo mesmo. Foi quando me lembrei de uma lenda árabe versando sobre a *impermanência* de todas as coisas, surgida na Pérsia séculos atrás, reiteradamente contada nos

cafés, nas casas de chá e nos espaços públicos pelos *hakavatis* (contadores de histórias) do oriente.

Certo dia – segundo a lenda –, insone pela curiosidade e após fazer a oração do amanhecer, um poderoso Emir deixou seus aposentos dirigindo-se de imediato para o *divan* – a sala de audiências do seu palácio – portando um pequeno cofre que continha no seu interior, apenas, um anel muito antigo, jóia considerada por seus vizires como um despojo proveniente de Kandahar, cidade ao sul do Afeganistão.

Interessado em saber qual a razão daquele anel achar-se confinado solitariamente no interior de um cofre, bem como a sua origem e significado por tratar-se de uma peça finamente lavrada em ouro maciço, rica em arabescos, cuja pedra central era uma lápis-lazúli em forma de tâmara gravada com uma estranha inscrição, determinou o potentado a convocação incontinente em sua presença do sábio Ismail Hassan, um afamado *ulemá* (teólogo, historiador e jurista de grande erudição), conhecido pelos muçulmanos como “*Saryh*” (aquele que é sincero), para desvendar-lhe o mistério.

Fazendo-se presente, o judicioso e previdente Ismail Hassan ouviu com reverenciosa atenção a narrativa do Emir, que lhe entregou o anel, desde logo indagando-o sobre a origem e o significado de tão misteriosa jóia, tão diferente de todas as demais.

Tendo-a em mãos, analisando-a com atenção e após muita reflexão, “*Saryh*” pôs-se a falar:

– Afirmo com certeza absoluta, ó Emir entre os emires, em nome daquele que é o *Clemente e Misericordioso*, que essa jóia, dentre todas as do Império Persa, é a mais valiosa. Ela pertenceu ao grande Timur ibn Taragay Barlas – que Allah o tenha na sua glória –, conhecido pelos infiéis – que Allah tenha piedade deles – como Tamerlão “o coxo”, porque ela traz inscrita na sua pedra a palavra *Iazul*, de natureza mágica, capaz de conceder bom discernimento e sabedoria ao seu possuidor e a todos os homens.

– *Iazul*?! ... uma simples palavra. Mas qual virtude tal palavra encerra ao ponto de conceder sabedoria e discernimento inigualáveis aos homens? Esclareça-nos melhor sobre o seu significado e o seu poder mágico, ó “*Saryh*”, já que és considerado justo e verdadeiro entre os irmãos do deserto e por nós também!

– Ó, *Sahib al-Sumuw!!!*<sup>2</sup> Mais do que uma simples palavra, *Iazul* é a expressão de uma verdade imutável. *Iazul* quer dizer: *tudo passa*, ou seja, que nada permanece imutável sob o sol de Allah, o Clemente e Misericordioso. *Iazul* nos ensina que as dores, os sofrimentos, as angústias, as desilusões e a má-sorte, bem como todas as tristezas, preocupações, desencantos, doenças, insucessos e derrotas que padecemos ao longo da existência, *passam*, porque tudo tem um começo e um fim, o mesmo ocorrendo com a riqueza, a prosperidade, a autoridade, o poder e a soberania dos governantes e dos seus impérios. Eis o significado mágico de *Iazul*, um poder que rege tanto os reis como os seus súditos, pobres ou ricos, enfim, todos os viventes, pois a “roda do destino” é incerta e a vida cheia percalços e mudanças. Feliz, sábio e prudente é, ó Grande Emir, todo aquele que essa verdade conhece e abraça, porque *Iazul* abranda as tristezas dos infelizes e controla as alegrias dos exaltados, conscientizando-os de que *tudo passa* e que nada permanece para sempre.

Satisfeito com a revelação após prolongada reflexão, que reconheceu como uma proveitosa e inigualável lição, o poderoso Emir, colocando no dedo indicador esquerdo o misterioso anel, jurou, perante o “Livro”<sup>3</sup>, conservá-lo por toda a vida para jamais esquecer o seu real e sagrado significado tanto nos momentos de triunfo ou de fracasso, fossem eles materiais ou morais, dizendo:

– Sim, nobre “*Saryh*”. *Tudo passa, tudo na vida passa!* – afirmou convicto Sua Alteza enquanto acariciava a “pedra mágica” que encimava aquela tão singular jóia, agora sorrindo e não mais ostentando no semblante as *sete rugas da preocupação*<sup>4</sup>, ao mesmo tempo em que Ismail Hassan, o “*Saryh*”, após prestar-lhe honrosa homenagem, se retirava do *divan* silenciosa e respeitosamente com idêntico sorriso nos lábios.

Eis a lenda e a sua moral.

*Tudo passa!* – repeti para mim mesmo assistindo ao cair da noite, experiência sensorial que naquele momento mostrava-se envolta no seu *hijab*<sup>5</sup> plúmbeo. – Talvez o provérbio: *não há mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe*, tenha tido sua origem naquela lenda secular que nos convida a uma resiliência esperançosa diante das nossas perdas, frustrações e infortúnios íntimos, e, também, a um

sereno senso de equilíbrio perante a felicidade que, algumas vezes, nos abraça de forma muito efêmera e logo é esquecida, por ser pouco valorizada e por serem os homens eternos *ingratos* perante a vida, mãe ciosa em si e por si mesma.

As horas passaram e já era noite. A lua, em plenilúnio, exibia a sua silhueta embaçada atrás de um véu nevoento em meio a um cortinado de nuvens em agitação, impondo um silêncio profundo no ambiente que pôs um fim às minhas reflexões. Talvez ela o fizera propositalmente querendo redespertar-me para uma realidade sabida e vivenciada centenas de vezes por mim, mas negligentemente esquecida, para tanto envolvendo-me nas areias imaginosas do tempo e da própria lenda como se um personagem eu fosse para não esquecer, falando ao meu coração assim:

– *Esquece, Ibn al-Sahra<sup>6</sup>, por um instante, as tuas preocupações; liberta-te das angústias causadas pelas incertezas da vida e escuta-me com dedicada atenção: guarda no teu coração a palavra “Iazul” e dela nunca te esqueças, porque nada é permanente, nada é imutável, tudo passa e passará, e assim é para que o raiar de um novo dia, com seu abraço luminoso e caloroso, sempre te conceda sabedoria dia após dia e noite após noite, pois esse é o desejo de Allah, o Clemente e Misericordioso, para contigo e toda a humanidade. Agora vá! Segue em frente e não olhes para trás. O amanhã está a tua espera! As-salamu alaikum!<sup>7</sup>*

– *Wa alaikum assalam!<sup>8</sup>* – respondi no silêncio do meu pensar. E segui em frente, ao encontro de um novo dia.

---

<sup>1</sup> Baseado no mini conto intitulado “Iazul”, de Malba Tahan, in “Contos e Lendas Orientais”.

<sup>2</sup> Sua Alteza.

<sup>3</sup> Alcorão, livro sagrado (religioso, moral e social) dos muçulmanos.

<sup>4</sup> Metáfora popular para designar as marcas de expressão decorrentes do acúmulo de emoções.

<sup>5</sup> Xale feminino árabe.

<sup>6</sup> “Filho do deserto”. Expressão cultural que carrega um forte senso de resiliência beduína.

<sup>7</sup> Que a paz esteja contigo!

<sup>8</sup> Que ela (a paz) esteja contigo também!